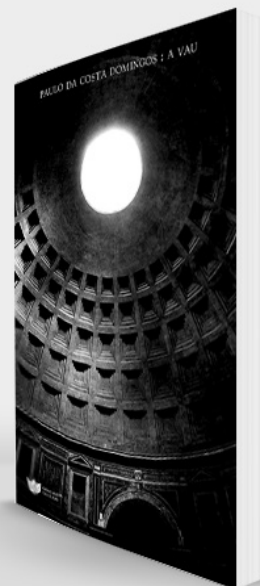


A Companhia das Ilhas apresenta

# A VAU

## Paulo da Costa Domingos



### Apresentação

Comunicar com os outros, utilizando a linguagem intencionalmente, é tentar influir no destino deles, mas é necessário ser-se escutado. A arte dos versos – que são apenas fonética carregada de significação – pode constituir uma derradeira boa ponte de acesso, quando já nem o bom nem o mau senso fazem história. Se a razoabilidade não se fez ouvir, talvez a comoção estética... Isso se espera de *A Vau*, o terceiro livro que Paulo da Costa Domingos publica em 2018, depois de *Jocasta* e *Dizimar*. Na Companhia das Ilhas publicou, em 2014, *A Morte dos Outros*.

**Escolha 10 Melhores do Ano 2018** (Hugo Pinto Santos, *Ípsilon*, *Público*, e Manuel de Freitas, *Expresso*).

### Excerto

MUSGO

Toda a noite a tília  
chora sua mágoa de água,  
que gela, toda a noite  
indiferente.  
Acerca da noite ignora-se  
se é uma bênção ou mera  
coincidência o dia  
seguinte.

### Ficha técnica

ISBN: 978-989-8828-63-7

Dimensões: 14x22cm

Nº páginas: 48

Ano: 2018 (Dezembro)

Edição: # 150

Género: Poesia

Colecção: azulcobalto # 059

PVP: 10 €

Tiragem especial de 20 exemplares

numerados e assinados pelo autor: 20 €

### Paulo da Costa Domingos

Lisboa, 1953.

Começa a publicar versos aos dezanove anos de idade, ainda durante a ditadura. Da pouco mais de meia centena de títulos (não nobiliárquicos, apesar do seu espírito aristocrático) que se lhe conhecem, pode ler-se no livro *Carmina* [*carmes*], de 1995, um friso de vida literária entre surrealistas, relapsos e desertores. A sua conflituosa passagem, quer pela imprensa periódica, ficando registada no livro *Vaga* (1990), quer pela estupidez crónica, com registo nos livros *Judicearias* e *Corrida de Galgos com Lebre Mecânica* (ambos de 2000), de par com os tumultos suscitados pela sua condução dos trabalhos de co-organizar e fazer imprimir a antologia poética *Sião* (1987), cobriram-no por um estigma público de “mau feitio” somente clarificado aquando da publicação do panegírico *Narrativa*, em 2009.

Paralelamente, é conhecido como editor da *Frenesi*, e aí – autodidacta filho de seu pai desenhador cartográfico – fez das artes gráficas



uma girândola implacável no seio do nojo estético que pulula pelos escaparates das livrarias. Mas como filho de peixe para saber nadar precisa de seguir o cardume, cedo (logo em 1972) procurou e encontrou no mentor da casa & etc a esteira para os seus destino e deriva, de que deu há pouco notícia pessoal no livro de homenagem a Vitor Silva Tavares, *& etc uma editora no subterrâneo*.

De-novo-de-novo, há a assinalar os títulos das suas obras mais recentes (entre 2004 e 2012): novas versões de *Gogh Uma Orelha Sem Mestre* e de *Asfalto*, e *Nas Alturas* e

*O Homem Quase Novo*, que fecham o ciclo-frenesi; de regresso aos velhos hábitos, publica consecutivamente na & etc *A Escrita* (2010), *Averbamento* (2011) e *Versos Abrasileirados* (2012). Mais recentemente, publicou «voici la poésie ce matin et pour la prose il y a les journaux» (2014), *Cal* (2015), *A Céu Aberto* (2017), *Sumo de Limão* (2017), *Jocasta* (2018) e *Dizimar* (2018).

Por último: contra a vontade governamental, continuará a escrever na língua portuguesa.

---

### Leituras, notas críticas

«Se de poesia comprometida se pode falar, em relação a Paulo da Costa Domingos, o compromisso é, sobretudo, para com o estado do mundo. Uma atenção à realidade envolvente do sujeito da escrita que determina uma poesia incapaz de desviar os seus sentidos perante panoramas de destruição, descaso e desfaçatez. Uma poesia em que a denúncia e a revolta se revestem sempre do máximo cuidado formal.»

Hugo Pinto Santos, *Ípsilon (Público)*, 21 de Dezembro de 2018 - Os 10 Melhores Livros do Ano (Poesia)

Escolha de Manuel de Freitas com um dos 10 Melhores Livros do Ano (*Expresso*, 22 de Dezembro de 2018)

